

A PARTICIPAÇÃO SOCIOPOLÍTICA DAS VOZES QUILOMBOLAS FEMININAS NO SERTÃO ALAGOANO

THE SOCIOPOLITICAL PARTICIPATION OF QUILOMBOLA WOMEN'S VOICES IN THE SERTÃO OF ALAGOAS

Maria Bethânia Rodrigues de Sousa
Universidade Federal de Alagoas
bethania749@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0009-0007-9170-7675>

Manoel Valquer Oliveira Melo
Universidade Federal de Alagoas
manoel.melo@delmiro.ufal.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4487-5285>

Bruno Matheus Cavalcante Santos
Universidade Federal de Alagoas
brunno.cavalcante@delmiro.ufal.br

ORCID: <https://orcid.org/0009-0006-2274-5267>

RESUMO: Este artigo foi apresentado no IV Seminário Nacional do NUDES, I Seminário Internacional do NUDES: Sociedade, Educação e Direitos Humanos: equidade na diversidade. O Grupo de Trabalho em que o mesmo foi problematizado e socializado foi o GT 5. Raça, gênero e sexualidades na educação.

PALAVRAS-CHAVE: Raça. Gênero. Sexualidades na Educação.

ABSTRACT: This article was presented at the IV National Seminar of NUDES, I International Seminar of NUDES: Society, Education and Human Rights: equity in diversity. The Working Group in which it was discussed and shared was WG 5. Race, gender and sexualities in education.

KEYWORDS: Race. Gender. Sexualities in Education.

Introdução

No Estado de Alagoas, conforme informações da Fundação Cultural Palmares (FCP), existem 76 comunidades quilombolas, das quais 42 estão situadas na Mesorregião do Sertão (FCP, 2024). Entretanto, de acordo com o Instituto Nacional

de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), apenas uma dessas comunidades possui titulação de terras, e de forma parcial (INCRA, 2023).

O processo de autodeclaração das comunidades quilombolas é essencial para o reconhecimento cultural e para o fortalecimento do sentido de pertencimento à sua própria história e à constituição do Estado. Contudo, a afirmação da identidade quilombola frequentemente enfrenta desafios impostos por padrões externos, provenientes do Estado, do conhecimento científico e de discursos hegemônicos. As comunidades se deparam com a dificuldade de preservar e afirmar sua identidade, baseando-se em seus modos de vida, tradições e narrativas, em vez de serem definidas por agentes externos (Fernandes; Galindo; Valencia, 2020).

Este estudo apresenta um recorte das experiências desenvolvidas no projeto de extensão intitulado “Um Estudo sobre a Fronteira Intercultural de Remanescentes Quilombolas no Semiárido de Alagoas”. Iniciado em setembro de 2023, com previsão de conclusão em dezembro de 2024, o projeto é financiado pelo Programa de Fomento a Atividades Extensionistas (PROFAEX-UFAL) e realizado em parceria com o Campus do Sertão da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), Unidade Educacional Santana do Ipanema.

Ao adotar a estratégia de análise das comunidades quilombolas no Sertão alagoano e incorporando a variável de gênero, observou-se uma convergência no protagonismo feminino no reconhecimento e na preservação da singularidade dessas comunidades. A participação ativa das mulheres quilombolas tem desempenhado um papel fundamental na promoção de um ambiente onde suas histórias, práticas e tradições são não apenas valorizadas, mas também protegidas. Essa liderança feminina contribui de maneira significativa para o fortalecimento cultural e social das comunidades, consolidando sua identidade e o acesso a direitos coletivos.

Objetivos

O estudo busca valorizar o reconhecimento dos etnosaberes das culturas tradicionais afro-brasileiras, com foco no protagonismo feminino, a partir da perspectiva de superação da subalternidade e do silenciamento desses conhecimentos em relação ao saber acadêmico.

1. Fortalecer o princípio da apropriação intercultural (Han, 2019), estimulando o diálogo entre epistemologias acadêmicas e saberes tradicionais, e reforçando o papel da universidade como agente de transformação social.
2. Contribuir para a inclusão social e educacional, analisando o potencial dos saberes tradicionais como ferramentas para promover uma educação antirracista.

Metodologia

O projeto está desenvolvido em etapas bem definidas, organizadas com base em uma abordagem qualitativa e participativa, centrada na articulação entre a universidade e as comunidades quilombolas envolvidas. As etapas metodológicas são descritas a seguir:

Na primeira etapa, foi realizada a coleta de dados socioeconômicos e demográficos das comunidades quilombolas participantes. O levantamento ocorreu por meio de visitas a campo e da aplicação de questionários estruturados e semiestruturados, com o objetivo de obter informações sobre aspectos econômicos, condições de vida, composição familiar, escolaridade e outras variáveis pertinentes ao contexto comunitário.

A reconstituição das histórias e memórias coletivas das comunidades está sendo conduzida por meio de encontros, rodas de conversa e grupos focais. Esses instrumentos permitem captar as narrativas individuais e coletivas sobre a formação, resistência e cotidiano das comunidades quilombolas, promovendo um espaço de fala para seus membros. O processo é conduzido com sensibilidade cultural e respeito às especificidades da oralidade como um importante repositório de memória social.

A produção de um acervo de registros imagéticos tem sido uma etapa fundamental do projeto. Até o momento, foram coletados materiais audiovisuais, incluindo fotografias, vídeos e gravações de entrevistas, que documentam as paisagens, modos de vida e práticas culturais das comunidades quilombolas. Esse acervo servirá como base para futuras análises e como ferramenta de preservação da memória visual dessas comunidades.

Uma parte essencial do projeto envolve a construção de uma educação antirracista, com o objetivo de engajar gestores escolares, professores, alunos, pais e outros membros da comunidade escolar, nas comunidades quilombolas selecionadas. O diálogo será mantido de forma contínua com os envolvidos nos processos educativos, abordando temas como a produção de material didático específico, análise crítica de livros didáticos, debates sobre conteúdos disciplinares e formas de produção e reprodução de saberes locais.

As atividades de extensão são guiadas por princípios éticos de respeito à diversidade étnica, histórica, cultural e religiosa das comunidades, em conformidade com as diretrizes previstas na legislação de pesquisa. Essas etapas são seguidas rigorosamente, garantindo uma abordagem colaborativa e respeitosa, alinhada aos princípios da interculturalidade (Walsh, 2001, 2007, 2009).

Resultados e discussão

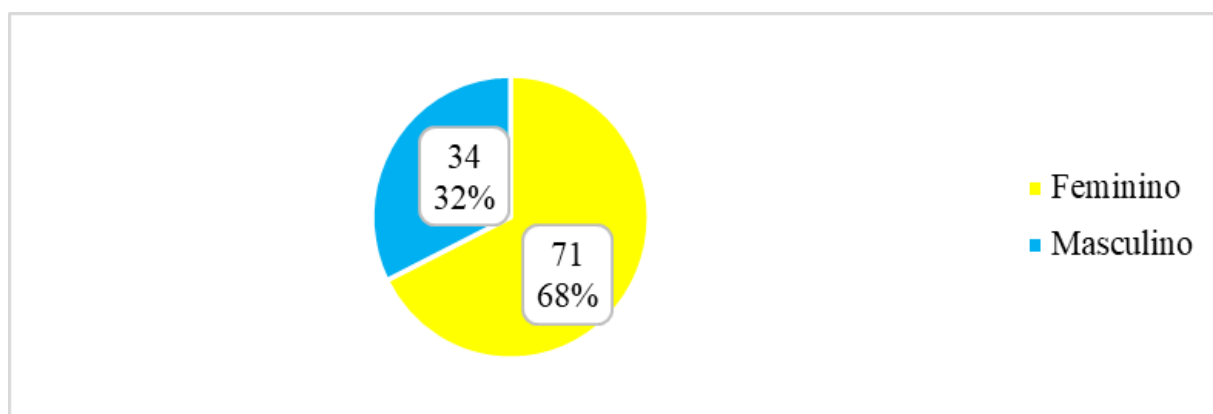
Os encontros quilombolas têm desempenhado um papel central nesta investigação, reunindo diversas comunidades da região para discutir questões relevantes, compartilhar experiências e buscar soluções coletivas. Esses encontros também servem como oportunidades para estabelecer parcerias com instituições e organizações que possam apoiar e fortalecer as comunidades quilombolas da Mesorregião do Sertão Alagoano.

A articulação do primeiro encontro quilombola foi organizada pelo Núcleo Acadêmico Afro e Indígena e Direitos Humanos (NAFRI – DH) do CESMAC, em parceria com a prefeitura municipal de Poço das Trincheiras. O objetivo era reunir as comunidades quilombolas da Mesorregião do Sertão. Como resultado inicial, o primeiro encontro, realizado em outubro de 2023, contou com a participação de 16 comunidades. No terceiro encontro, realizado em fevereiro de 2024, na cidade de Água Branca, o número de comunidades participantes subiu para 21.

O evento realizado no município de Poço das Trincheiras, em outubro de 2023, com o tema "Direito à Educação Escolar Quilombola", demonstrou o compromisso das comunidades quilombolas e das autoridades locais com a promoção de uma educação de qualidade para as crianças afrodescendentes. O

evento ocorreu na Escola Quilombola Municipal Muniz Falcão, que se entende como um espaço capaz de desempenhar um papel fundamental nesse processo, proporcionando um ambiente educacional que valoriza a cultura e a história das comunidades quilombolas. De acordo com os dados coletados sobre a participação nesse primeiro encontro:

Gráfico 1. Participação de acordo com gênero no 1º encontro em Poço das Trincheiras/AL



Fonte: Arquivo de pesquisa, 2023.

A presença significativa de mulheres no primeiro evento quilombola do Sertão ressalta a importância de reconhecer e valorizar suas contribuições para a comunidade, não apenas no âmbito cultural, mas também em outros aspectos da vida comunitária. Isso inclui seu papel como líderes, educadoras, cuidadoras e agentes de transformação social.

Durante o primeiro encontro, destacaram-se as produções artesanais das comunidades Jacu e Mocó, do município de Poço das Trincheiras. Uma prática ancestral que merece destaque é o trançado da fibra de croá, uma bromélia de poucas folhas, típica da caatinga e facilmente encontrada no quilombo. Embora a produção artesanal valorize a cultura e eleve a autoestima das mulheres quilombolas, foi identificado um problema relacionado à precificação desses produtos, que não leva em conta a quantidade de horas necessárias para sua produção.

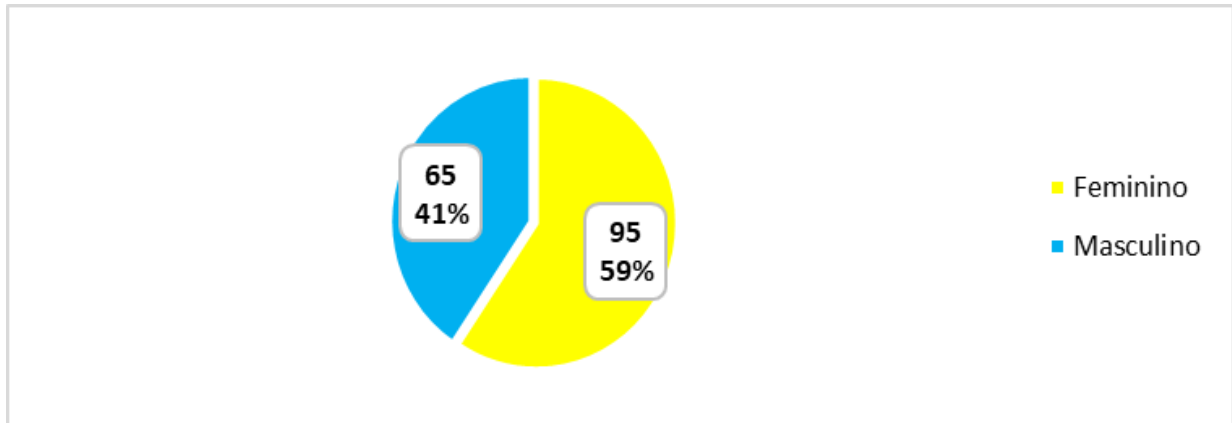
Figura 1. Produção artesanal a partir da fibra de croá



Fonte: Arquivo de pesquisa

No encontro seguinte, realizado na cidade de Água Branca, observou-se uma situação semelhante em relação à distribuição de gênero entre os participantes das comunidades quilombolas. Dos participantes, 65 eram homens, representando 41% do total, enquanto 95 eram mulheres, correspondendo a 59%. Essa distribuição reflete a significativa presença feminina nas comunidades quilombolas, superando numericamente os homens. Isso pode sugerir não apenas uma maior participação das mulheres no evento, mas também uma tendência geral de engajamento e liderança feminina nessas comunidades.

Gráfico 2. Participação de acordo com o gênero no 3º encontro em Água Branca/AL



Fonte: Arquivo de pesquisa, 2023.

Os encontros promovidos com as comunidades são fundamentais para garantir que suas necessidades sejam comunicadas, ouvidas e abordadas de maneira eficaz. Desde o reconhecimento pela Fundação Cultural Palmares (FCP) até a titulação pelo INCRA, além das necessidades de capacitação produtiva, é essencial que todas as questões sejam consideradas e tratadas adequadamente.

A comunidade quilombola da Serra das Viúvas esteve presente no evento com a exposição de artesanatos, fruto de uma parceria com a ONG Desenvolvimento Humano e Agroecologia (AGENDHA). A entidade também auxiliou na formalização da Associação das Mulheres Artesãs Quilombolas Serra das Viúvas (AMAQUI), um processo que começou em 2006 e foi concluído em 2010.

O SEBRAE também é parceiro no processo de beneficiamento e precificação dos produtos. A produção artesanal tem um caráter de preservação cultural e representa a força das mulheres da comunidade, como ilustrado na figura abaixo.

Figura 2. Produção artesanal a partir da fibra de croá



Fonte: Arquivo de pesquisa

Considerações finais

A partir desta análise, podemos afirmar a responsabilidade atribuída ao papel sociopolítico das mulheres quilombolas nos espaços de decisão. É necessário despertar para a consciência das bases materiais reais e objetivas nas quais esses atores sociais estão inseridos, o que será determinante para o enfrentamento dos problemas locais relacionados à degradação socioambiental do território. A força feminina atua independentemente do espaço físico, seja no campo, na comunidade, em casa, na escola, etc. O protagonismo dessas mulheres serve como um meio para a transmissão cultural e aumenta a capacidade de reconhecimento e emancipação dos atores sociais quilombolas no Sertão Alagoano.

Do ponto de vista sociológico, é importante destacar a existência de pontos discordantes quando se pensa no enquadramento político-institucional, especialmente no que tange às questões de gênero. No entanto, os momentos de autoidentificação dos sujeitos tornam-se essenciais para compreender como eles e elas se percebem no mundo. A classificação dos papéis de gênero, de homem e mulher, de acordo com o sexo, extrapola a trama das relações sociais, pois envolve questões de identidade e diferença, além de expressar as desigualdades nos papéis sociais de cada um. Isso é particularmente relevante na região do Semiárido nordestino, um ambiente altamente machista e sexista, que afeta principalmente as mulheres e meninas negras.

Referências

1. BRASIL. Fundação Cultural Palmares. **Certificação Quilombola**. Brasília, DF: FCP, 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/palmares/pt-br/departamentos/protecao-preservacao-e-articulacao/certificacao-quilombola>. Acesso em: 10 mar. 2024.
2. FERNANDES, Saulo Luders; GALINDO, Dolores Cristina Gomes; VALENCIA, Liliana Parra. Identidade quilombola: atuações no cotidiano de mulheres quilombolas no agreste de Alagoas. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 25, p. 1-15, 19 jun. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.4025/psicoestud.v25i0.45031>. Acesso em: 5 mar. 2024.
3. HAN, Byung-Chul. **Hiperculturalidade: cultura e globalização**. Tradução de Gabriel Salvi Philipson. Petrópolis: Vozes, 2019.
4. INCRA. **Títulos expedidos às comunidades quilombolas: 31 dezembro 2023**. Brasília, DF: Ministério do Desenvolvimento Agrário e Agricultura Familiar, 2023. Disponível em: https://www.gov.br/incra/pt-br/assuntos/governanca-fundiaria/Vejaoandamentodatitulaoquilombola_31.12.2023.pdf. Acesso em: 10 mar. 2024.
5. WALSH, Catherine. **La educación intercultural en la educación**. Lima: Ministerio de Educación, 2001. Documento de trabalho.
6. WALSH, Catherine. Interculturalidad crítica/pedagogía decolonial: apuestas (des)de el in-surgir, re-existir y re-vivir. *In: SEMINARIO INTERNACIONAL*

DIVERSIDAD, INTERCULTURALIDAD Y CONSTRUCCIÓN DE CIUDAD, 2., 2007, Bogotá. **Memorias** [...]. Bogotá: Universidad Pedagógica Nacional, 2007.

7. WALSH, Catherine. **Interculturalidade, Estado, sociedade: luchas (de)coloniales de nuestra época**. Quito: Universidad Andina Simón Bolívar; Abya-Yala, 2009.